

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1905

N.º 144

## Visita dos Duques de Connaught a Lisboa



Princesa Victoria Patricia

*Filha mais nova de S.S. A.A. os Duques de Connaught,  
e que os jornais estrangeiros espalharam ser a noiva escolhida  
para S. A. o Príncipe Real*

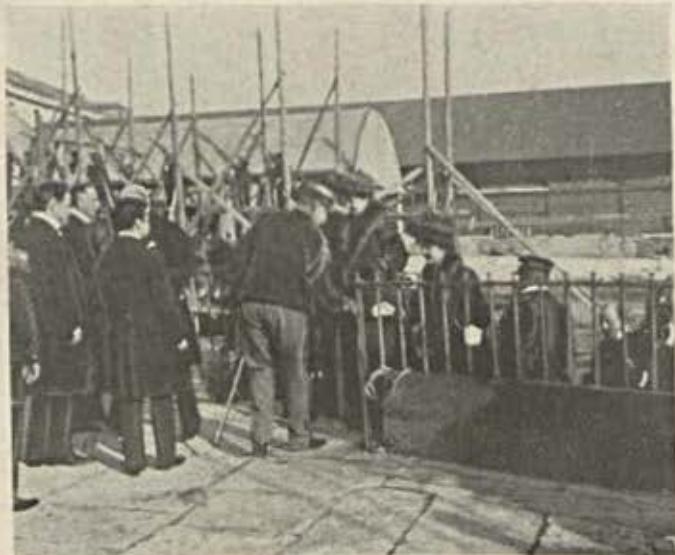


S. A. Duque de Connaught

*Amirante da marinha inglesa*

# Politica internacional

O inevitável acaba de acontecer. Porto Arthur teve de render-se com toda a sua heroica guarnição, e a estas horas é a bandeira japonesa a que fluctua nas meio-derrocadas muralhas da afamada fortaleza, de onde para sempre foi arrancada a cruz de Santo André, emblema do predomínio do tsar no Extremo-Oriente. A homérica luta, que há sete meses se feria nesse perido canto da



*Desembarque de SS. AA. os Duques de Connaught no Arsenal de Marinha, onde os aguardaram o senhor Infante D. Afonso e os ministros*

península de Liautung, findou, e com ella o primeiro acto da espantosa tragédia que o mundo contempla entre absorto e horrorizado. O que vai seguir-se quando a funebre acção d'este drama sem par, momentaneamente interrompida, prosseguir de novo? Estremece-se só de o imaginar!... O que se está passando na Mandchuria é tão extraordinário, que mais parece pertencer ao domínio do sonho do que à realidade. Em pleno século XX combate-se ali com o furor e o en-



*Chegada dos Duques de Connaught a Lisboa — Suas Altezas as Princesas a caminho de Belém*  
Cliché de A. Lima

carniçamento dos tempos selvagens, e ao mesmo tempo surgem tais actos de commovente generosidade, que se diria estarem os contendores terçando segundo as regras da mais requintada e primorosa cortezia — anachronico mixto de barbaria cruel e cavalaria galante, que mais lugubremente faz ainda resaltar o aspecto simbólico d'este

grande crime de lesa-civilização. Ao menos nos chamados séculos férreos da história os homens digladiavam-se como feras, não pressentindo a enormidade do delicto que estavam commettendo. Obedeciam aos

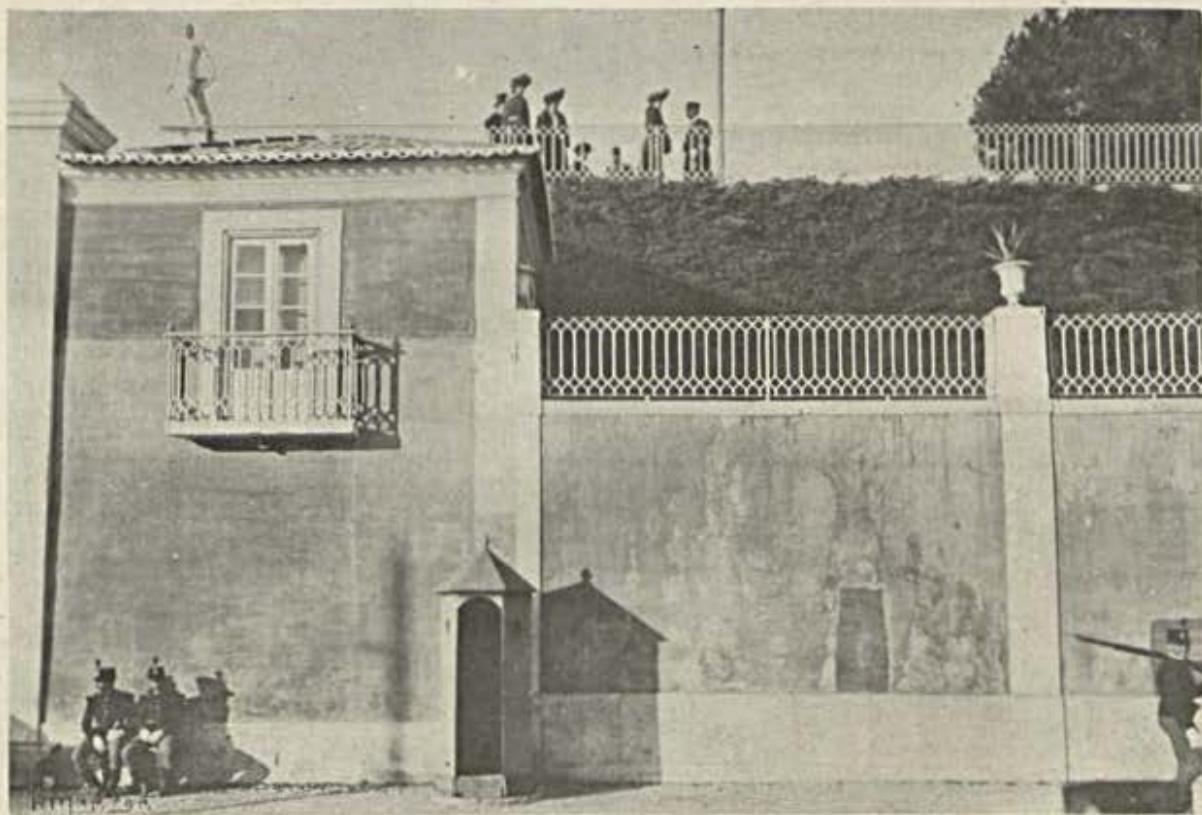


*SS. AA. os Duques de Connaught chegando ao largo de Belém*  
Cliché Bonoliel

instinctos, que constituiam o único estímulo da sua existência primitiva, quasi animal, *Homo homini lupus*: Mas hoje?... Esta guerra científica e cavaleiresca, de luva branca e invocando os preceitos do evangelho; esta guerra que os estadistas decretam e os generais executam, maldizendo-a uns, e outros como um flagelo e um attentado,



*S. A. o Duque de Connaught apeando-se da sua carruagem*  
Cliché Bonoliel



Cliché Benoliel SS. AA. os Duques de Connaught e suas filhas no terraço do Palácio de Belém, no dia da sua chegada a Lisboa

o que não impede apesar d'isso que a levem a cabo com uma残酷dade digna dos selvagens da idade da pedra; esta guerra é mil vezes mais horrível e criminosa. Está para as guerras antigas, como o está para o delinquente, sem consciencia do acto que pratica, o assassino ilustrado, que prepara cuidadosamente a vil acção que commette, sabendo bem o que faz e a punição que merece.

\* \* \*

A queda de Porto-Arthur é um gravíssimo golpe vibrado no prestígio da Russia, e por grandes que possam ser as consequências ma-

teriais d'este acontecimento no que respeita ao seguimento das operações militares, é indubitable que os resultados moraes d'esta victoria japoneza hão-de sobrelevar em importancia. Até agora, com efecto, tinham os russos procurado explicar sempre satisfactoriamente os seus revezes. Se haviam abandonado as posições onde se encontravam, era no prosseguimento de um plano de antemão traçado, e para atrair os japonezes para longe da base de operações d'elles e do mar, que era o caminho por onde lhes chegavam os reforços. Mesmo as graves derrotas de Liao-Yang e de Yentai tinham-nas em parte attenuado para a impressão geral com as retiradas relativamente felizes de Kuropatkin, que nas duas batalhas, embora vencido, pôde escapar de ser envolvido pelo exercito vencedor. Com a queda de



Cliché Benoliel S. M. a Rainha sahindo do Paço de Belém, no dia da chegada de SS. AA. os Duques de Connaught



Cliché Benoist.

*A saveira real condazendo para terra SS. A.A. os Duques de Connaught, e atracando ao Arsenal de Marinha*

Porto-Arthur, porém, o caso é diferente. D'esta vez não tem mais remedio senão confessar a victoria dos japonezes, e é esta confissão que para elles representa no exterior, sobretudo entre as populações asiáticas, grave perda de prestígio, e no interior por ventura o inicio de serios acontecimentos. Em situação quasi identica os ingleses foram bem mais felizes na Africa Austral, porque Ladysmith pôde resistir vitoriosamente aos boers, que lhe punham cerco. Decerto o povo russo não deixará de approximar a sorte diversa que tiveram os corajos esforços dos generaes White e Stoessel, pondo em paralelo a tentativa feliz de lord Roberts para libertar a praça cercada, com o desastre da offensiva de Kuropatkin para soccorrer os sitiados de Porto Arthur.

\* \* \*

A obstinada defesa de Porto Arthur, se escreveu na historia do exercito russo uma pagina brilhantissima, foi em quanto a nós um grave erro de estratégia e uma imperdoavel falta politica. Estrategicamente (disseram-n'o desde o principio da guerra) eminentes auto-

ridades militares, incluindo o general Dragomirov), devia o exercito russo ter evadido a peninsula de Liao-tung, procurando concentrar-se em um ponto bastante distante da base de operações dos japonezes, para que estes fossem obrigados a combater longe dos seus centros de reforço, e portanto nas mais desfavoraveis condições. Em vez d'isso, porém, Kuropatkin ou quem lhe impoz o plano de campanha persistiu em soccorrer a praça sitiada, não se affastando d'ella senão quando successivas derrotas a isso o forçaram.

D'esta forma o exercito russo perdeu a liberdade de movimentos, que lhe era indispensavel para se reconstituir com probabilidades de poder tomar uma offensiva efficaz. A fatal attracção de Porto Arthur impediu-o de seguir o unico caminho racional, que lhe estava indicado, a — retirada para o norte; e foi ella a responsavel pelos tres maiores desastres das tropas do tsar na presente guerra — Telissu, Motienling e Yentai, sem contar as grandes derrotas de Liaoyang e Shaho, que não se teriam dado se o general Kuropatkin as houvesse evitado por uma retirada a tempo.

Além d'isso a defesa de Porto Arthur trouxe consigo a perda total da esquadra do Pacifico, que foi o irreparavel golpe vibrado á for-

*SS. A.A. os Duques de Connaught em Lisboa — No Arsenal de Marinha*



Cliché Benfiet.

*Duques de Connaught — Na gare do Estoril  
As autoridades de Cuscaes e a colónia inglesa de Carcavelos aguardavam o chegada de SS. AA.*

tuna das armas russas, e que na opinião das mais competentes autoridades decidiu toda a sorte da campanha a favor do Japão. Este foi o grave erro de estratégia que nem todo o heroísmo do general Stoessel e dos seus soldados será capaz de redimir. A falta política, porém, não é menos grave nem são menos importantes as consequências, que d'ella hão-de derivar. Porto Arthur abandonado no começo da guerra, sob o pretexto da necessidade da defesa, teria passado quasi despercebido como um incidente estratégico das operações militares. Nesse momento o exército de Kuropatkin estava intacto, e se bem que a evacuação da península de Liautung podesse ser desfavoravelmente apreciada, as preocupações da campanha, que

ia abrir-se, bem depressa fariam esquecer este acto inicial da guerra, tanto mais que n'esta occasião era quasi universal a crença na superioridade dos russos em terra e na victoria fácil, que elles haviam de alcançar sobre os japonezes. Em vez d'isso o que se fez?

Deu-se exagerada importância à defesa de Porto Arthur, sacrificando-lhe a esquadra e subordinando lhe os movimentos do exército da Mandchuria. Durante oito meses não cessaram de convergir para a fatidica fortaleza todas as atenções do mundo, fazendo-se crer que da victoria do general Stoessel dependia o resultado da campanha, e que á guarda dos defensores da praça estava a honra militar da Rússia. Ordenou-se ao general Kuropatkin que marchasse para o sul em



*Duques de Connaught — Em Cintra — A família real portuguesa e SS. AA. subindo a escadaria do pazo de Cintra*



Duques de Connaught. — Grupo tirado em Sintra

1.º Piano — sentados: — Infante D. Afonso, Príncipe Victoria, Duqueza de Connaught, Rainha D. Maria Pia, Princesa Margarida, Duque de Connaught, Rainha D. Amelia, El-Rei D. Carlos I.

2.º Piano — de pé: — Lady Gosselin, Miss O'Reilly, D. Isabel Saldanha da Gama, Marquesa de Belas, Miss Pelly, Marquesa de União, Príncipe Real, Fernando Eduardo de Sepe, Infante D. Manuel.

3.º piano — Benjamin Pinto, Alfredo de Albuquerque, Mr. O'Reilly, D. Fernando de Sepe, Honorable Baller, Peccia de Marmal, Sir Martin Gosselin, Pele, Conde de Tarouca, Eduardo Villaca.

4.º Piano — Conde da Ribeira, Velez Caldeira, Francisco Figueira, tenente Senau, capitão de mar e guerra Fachin, tenente Stoker, capitão de fragata Sulican, dr. Thomas de Melo Breyner, tenente Phipps.

5.º Piano — Chavres de Azevedo, Keranich, Antônio Costa, Duque de Loulé, Conselheiro Augusto de Araújo.

socorro dos sitiados. Enviou-se a esquadra do Báltico com o fim proclamido de ir levantar o bloqueio. Animou-se a guarnição a resistir para esperar pelos reforços, que iam a caminho. E no fim tudo isto se fez em vão, porque Porto Arthur caiu, e caiu exactamente quando todos à força de o ouvirem repetir julgavam que elle era invencível e que já não se renderia.

Que é pois de admirar, que a queda da famosa praça chineza tenha tido tão grande repercussão não só na Europa mas em todo o mundo asiático? Seria o contrario que causaria espanto. Tanta importância deram á defesa de Porto Arthur, que a rendição d'esta praça é hoje por todos, com razão ou sem ella, considerada como desastre irreparável para as armas russas, e como o fim do predominio da Russia no Extremo Oriente.

\* \* \*

Quais serão as consequencias militares da queda de Porto Arthur? A primeira de todas é libertar a esquadra japoneza do bloqueio, que ha oito meses a tinha immobilizado, com evidente cansaço das tripulações e inevitável prejuizo do material. Agora tem tempo de sobejo para que os homens se refaçam das fadigas a que estiveram expostos, e para que os barcos reparem as avarias que sofreram. E assim, quando a esquadra do almirante Rojestvensky entrar nas aguas japonezas (se é que persistir na loucura de o fazer) encontrará as forças navaes do Japão reunidas e promptas a dar-lhe combate em condições de esmagadora superioridade. Por isso acreditamos que a segunda consequencia da queda de Porto Arthur será a ordem para que a esquadra do Báltico regresse á Europa, de onde ou devia ter partido ha muito tempo ou então não devia ter partido nunca. A volta d'esta esquadra a Cronstadt, depois de todas as peripécias da sua saída, deve não ha dúvida custar muito ao amor proprio russo, e representa um novo golpe no prestígio militar do imperio, fazendo involuntariamente ocorrer á memoria as idas e vindas da celebre esquadra do almirante Camara por occasião da guerra hispano-americana. Mas, por dolorosa que seja essa resolução, impõe-se ella como indispensável, e quanto mais tarde se executar mais amargo será o sacrifício. Não é já sómente a imprensa estrangeira que o aconselha; é a propria imprensa russa que o reclama como o unico meio de poupar á nação um novo desastre. Depois das revelações do capitão Klado, sobretudo, não ha a este respeito divergências de opinião. Se da esquadra passamos ao exército de terra affigura-se-nos que ainda por este lado as consequencias da queda de Porto Arthur hão-de ser importantes, dando origem a factos talvez decisivos.

Até agora os dois exercitos do Shaho, com forças sensivelmente iguais, encontravam-se por assim dizer neutralizados. A offensiva para

qualquer dos dois tornou-se bastante arriscada e nenhum d'elles, conforme se tem visto desde outubro passado, a quiz ainda tentar. Os



SS. AA. reaes filhas dos Duques do Connaught e miss Pelly, sua dama



Cliché de A. Llina

*Duques de Connaught — Na praça Afonso de Albuquerque — A partida para Cuatra*

japonezes sobretudo, com as suas tropas divididas e com dois exercitos inteiramente separados e sem possivel cooperação, um na peninsula de Liaotung e outro na Mandchuria, estavam a este respeito em condições muito desfavoraveis. A queda de Porto Arthur, porém, vem fazer mudar a situação a favor d'elles. O exercito sitiador ficou livre de marchar para o norte, e d'esta forma não só as tropas do marechal Oyama recebem mais um reforço de 40 ou 50 mil homens,

como acaba o dualismo do campo de operações, que tão prejudicial estava sendo á liberdade de acção dos generaes do Mikado. Segundo todas as probabilidades pôde prever-se para muito breve a continuação da offensiva japoneza, e é duvidoso se o general Kuropatkin poderá sustentar-se em Mukden. Toda a questão, em quanto a nós, está agora em saber se elle abandonará a cidade santa por um movimento estratégico de retirada, ou se terá que evacuar-a como re-



Cliché de Benoitel

*Duques de Connaught — Foot-Ball — Match entre os grupos do Porto e Lisboa — Grupo vencedor*

# Caricaturas do visconde de Coruche



Conselheiro José Dias Ferreira



Conselheiro João Franco



Conselheiro Veiga Beirão



Conselheiro Antônio Cândido



Visconde de Chancelheiros



Conselheiro João Arroyo



Conselheiro Emygdio Navarro



Conselheiro Mattoso Santos



Conselheiro Ferraz de Macedo



Conde de Figueiró



Dr. Vicente Monteiro



Conselheiro Marianno de Carvalho

sultado de uma batalha perdida. Em qualquer dos casos, porém, a perda de Mukden parece inevitável. E depois? E' o investimento de Vladivostok e o recomeçar dos horrores de um outro cércio, se qualquer acontecimento da política interna da Russia ou da política internacional não vier evitar a nova carnificina, que se prepara...

CONSIGLIERI PEDROSO.

# CHRONICA

1899 - 1905

O Brasil-Portugal faz annos hoje. Com o numero 144 completa seis de vida. Com esta idade tem já cabellos brancos. Não é propriamente um menino prodigo, mas sabe ler por cima, prenda de que muitos em evidencia se não gabam. Neste já longo decorrer de dias, desde os finais do século passado, o pequeno, mal apprendeu a andar sem arrimo, só teve um ideal — caminhar muito direitinho, sem oscilações, por essa vida fóra, com uma independência de creança ingleza, dentro dos seus colarinhos lustrosos e da sua quinzena escovada. Nos primeiros meses a scienzia vaticinou-lhe um curto futuro de misérias physicas, mas o sangue era bom, e o rapaz, triumphando, enrijou, e ficou se a rir dos augures.

Não é empregado publico, não tem seguro de vida, nem pensão oficial. Trabalha. E aos domingos permite-se o luxo de uma carriagem. Ativo e modesto, não pede nada a ninguem. Não deve porque retribue.

Se o acariciam, sorri e faz uma mesura. Se lhe batem, não morde, apesar dos bons dentes que Deus lhe deu. Nunca fez mal

aos pequerruchos da sua idade, e quando o magoam encolhe os hombros. É um gigantinho por dentro; por fora um bebé que as senhoras de mãos patriciais e rendas caras sentam nos regaços para o ouvir papaguear.

Que as damas que tantas vezes o mimosearam, e que os homens que, onde a onde, lhe lançam um olhar bom, continuem a querer-lhe — eis os votos dos paes da creança.

O grande acontecimento da quinzena foi a visita dos ars. Duques de Connaught a Lisboa, e por isso o Brasil-Portugal acompanha-o minuciosamente pela gravura, dando assim ao seu leitor o *compte-rendu* vivo de todos os passeios, de todas as visitas e de todas as festas a que assistiu o irmão de Eduardo VII. Como sucede na ultima visita do Rei de Inglaterra, nos dias em que os nossos illustres hospedes honraram Lisboa com a sua presença, Lisboa offereceu-lhes o que nem todos poderiam dar em pleno inverno, n'este frigido mez de janeiro, um formosissimo céu e um esplendido sol. O clima de Portugal, que anda por vezes esquecido do que deve ás suas tradições, esmerou-se d'esta vez em conservá-la, e fez bem!

Os srs. Duques de Connaught viram o que de mais bonito a natureza nos concedeu, a exuberante vegetação de Cintra, a larga e imponente baía de Cascaes, tudo o que de mais artístico a historia nos legou, o grandioso monumento dos Jerónimos e a linda e rendilhada capela de S. João Baptista, tudo o que a civilisação proporciona á capital, um espectáculo lyrico na vasta sala de S. Carlos, e um espectáculo inglez no palco do normal, e finalmente tudo o que o povo português costuma dedicar aos que lhe são sympathicos, as saudações talvez frias mas corteses da sua estima e do seu respeito. No Duque de Connaught Lisboa saudou o irmão do soberano dedicadíssimo ao nosso paiz, na sua visita viram todos e com razão, mais uma prova incontestável da sympathy da Inglaterra por este paiz pequenino sim na sua extensão, mas enorme pelo seu domínio colonial, e pelas gloriosas tradições da sua historia.

E como n'este acontecimento se renunciavam todas as novidades alegres da quinzena, porque ás outras, ás tristes, ás que marcam o desaparecimento de homens illustres, como os que n'estes últimos dias se sumiram na paz da sepultura, não nos queremos referir aqui.

Prestou-lhe já adeante o Brasil-Portugal a homenagem da sua saudade.

## MORTOS ILLUSTRES



Dr. Agostinho de Faria

† no Porto a 30-12-1904. — Nasceu em Macau, no Brasil



Visconde de Coruche

† em Lisboa a 28-12-1905

*Era um medico distinguido muito novo ainda, 48 annos apenas, quando uma esplêndida reputação de clínico e extraordinarias sympathias como homem. A sua morte causou enorme sensação tanto no Porto como em Lisboa. O dr. Agostinho de Faria estava tratando de sua família que adorava com uma enfermidade infeciosa. Uma tarde, sentiu-se mal. Os symptomas da sua enfermidade eram os mesmos dos dos seus doentes. Correu ao consultorio, escreveu a pressa suas cartas, disse ao empregado que fechasse a casa porque ele ia para o Hospital tratar-se e que, se dentro de dois dias ele não escapasse, fizesse entre as cartas das suas destinatárias. E em menos de 48 horas o sympathetic medico desapareceu, deixando um vasto luarinho da sua passagem pela scienzia e pelo mundo.*

*O ilustrante titular, que foi um agrônomo muito distinto, um cultor notável de varios ramos de scienzia; que foi também agricultor inteligente e incansável, era ainda um homem de espírito. Muito inclinado a todas as questões de arte, gostava inúmeras de desenhar, e especialmente de traçar com o seu lápis nervoso e humorista a caricatura de amigos e conhecidos. Muitas vezes o «Diário de Notícias» publicou desenhos seus, mas as generalidades ficaram ineditas. Por todos estes motivos, tem grande interesse a pagina que hoje inserimos com as caricaturas de alguns dos principais homens do nosso paiz, traçadas pelo lápis do saudoso visuado de Coruche.*

# Eduardo Coelho

Os que dirigem esta Revista completam hoje a sua homenagem à memoria de Eduardo Coelho. Homenagem modestissima que por ser tardia não deixa de ser sincera.

Tantos dias corridos sobre a inauguração do monumento, que aliás fica na mais bonita alameda de Lisboa a perpetuar o nome d'esse trabalhador da pena, apraz nos hoje registrar que nenhuma classe da sociedade



Eduardo Coelho  
Fundador do «Diário de Notícias»

portuguesa deixou de contribuir com a quota parte do seu preito ou da sua saudade para o edifício do reconhecimento nacional.

O que Lisboa acaba de fazer para glorificar a memoria de um homem simples que fez da pena uma enxada, da honra um dever e do progresso um objectivo, representa para a democracia dominante o mais assinalado triunfo.

Em uma das mais formosas praças da cidade foi há pouco ainda o chefe do Estado lançar a pedra do monumento que haverá de recordar sem-

pre aos vindouros a figura epica do marechal Saldanha. E n'outra praça de Lisboa perto d'essa lá está fixado o lugar onde se haverá de erguer a estatua do mais formidável estadista que teve Portugal. Hontem ainda, oradores brillantes exaltaram a memoria de Eça de Queiroz junto do marmore em que Teixeira Lopes marcara a traços de genio as feições torturadas do mais poderoso romancista português. E agora os representantes do governo do paiz e da municipalidade de Lisboa vieram descerrar solemnemente perante a multidão emocionada o busto de um simples jornalista.

Estas h-menagens diversas a homens tão dissimilhantes nas aptidões e nos ideias provam o quê? Que a civilisação caminha, que a intellectualidade progrediu e que uma nobre atmosfera moral envolve o espírito português.

Em Saldanha a patria glorifica a liberdade, como no marquez de Pombal glorifica o patriotismo e o valor cívico, como exalta em Eça a grandeza da litteratura, como em Eduardo Coelho recorda, fixa, e premia os serviços que com um simples jornal de dez réis elle prestou ao seu paiz durante cerca de 30 annos, sem uma mancha, sem um esmorecimento, com um desinteresse que tocou por vezes as raias de uma abnegação rara, com uma honradez pessoal que foi a honra de uma instituição.

Todos os outros glorificados pela patria deixaram a sua obra como legado, e a liberdade que disfrutamos e que elles implantaram com a espada de soldados ou com actos de estadistas, e a arte que nos encanta através de livros inimitaveis, são os titulos que a posteridade invoca para lhes perpetuar o nome no marmore ou no bronze.

Não tem menos valor efectivo e intrinseco a obra que Eduardo Coelho legou ao seu paiz. Essa imprensa barata que de há quarenta annos para cá serve os nossos interesses, alimenta a nossa imaginação, recreia o nosso espírito, e amplifica a nossa intelligencia, d'elle nasceu, elle a previu, fundou-a e serviu-a com o amor de um pae, o respeito de um filho e a crença de um apostolo. E em tão solidos alicerces edificou a sua obra que ella ali está ainda, cada vez mais forte, mais viva, e mais resistente, sempre remoçada pelo talento, pela probidade profissional e pela infatigável dedicação de quem lhe sucedeua na tarefa de todas as horas.

Respeitei sempre os grandes, mas faço mais caso d'un grão de bondade que d'un mundo inteiro de grandezas.

P. DE L'ESTOILE.

¶

No vasto campo da intriga é necessário cultivar tudo, até mesmo a vaidade dos tolos.

AUG. PRÉAULT.

¶

Passar a vida a fazer tolices e a lamentar-as, não é esta a história do mundo?

SAINTE-ARNANDO.



Cliché Benedito.

Aspecto da alameda de S. Pedro de Alcântara, por occasião da inauguração do monumento a Eduardo Coelho

O Presidente da camara municipal, conselheiro António de Azevedo Castelo Branco

# Os vencedores de Torres Vedras

*As duas cartas que inserimos, trocadas entre dois homens illustres, D. José de Lacerda que foi Deão da Sé e o quartel mestre general Joaquim Antonio Vellez Barreiros, vêm no interessantíssimo liero que o sr. Conselheiro Eduardo Barreiros publicou «Os papéis de meu pai», repositório valiosíssimo de unha critica, opinião, e informações até sobre os acontecimentos históricos da época. Referem-se essas cartas a uma questão suscitada depois da ação de Torres Vedras a respeito da intervenção estrangeira, que, mesmo da parte dos vencedores, por muitos foi considerada descessarista e humilhante. D. José de Lacerda representava os grupos que tinham essa opinião e o general Vellez Barreiros, como principal instigador d'essa intervenção, os que a acompanharam na opinião oposta. A carta d'este notável oficial retrata bem o que elle valia como militar e como homem.*

(N. R.)

## Carta de D. José de Lacerda, Deão da Sé, a Joaquim Antonio Vellez Barreiros, Quartel Mestre General do Marechal Saldanha

Lisboa, 4 de fevereiro de 1847.

III.<sup>ma</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Sempre que escrevo a V. Ex.<sup>o</sup> experimenta o meu coração íntimo prazer porque a amizade antiga comunicar-se; de sua natureza expansiva, se posso assim explicar-me, não está bem se não se está com quem deseja tratar e ver-se. Entretanto, meu bom amigo, hoje não acontece assim: escrevo possuído do mais vivo pesar, com o coração dolorosíssimamente angustiado; e porquê? porque tenho de falar a V. Ex.<sup>o</sup> de V. Ex.<sup>o</sup> mesmo: e de V. Ex.<sup>o</sup> como por ahí se está falando, que é de um modo pelo qual eu não quizeria nunca ouvir falar, nem de pessoa por quem menos me interessasse; e como o ouvirei, sem profunda magua, de V. Ex.<sup>o</sup> a quem me prende a afiliação mais sincera? Não devo ter suspenso por mais tempo a V. Ex.<sup>o</sup>; entrarei em matéria e com toda a franqueza que dicta a amizade, e requer assumpto assim grave e meliudoso.

Ha dias (12 ou 15) começou a correr nos círculos escolhidos, a princípio em voz pouca perceptível mas hoje sem rebuço, que no Quartel-general se falaria de *cooperação com os rebeldes*, ou de *intervenção estrangeira*.

Esta notícia foi mal recebida; causou a impressão mais desagradável, e deu rebato aos animos de todos que se importam deveras com as coisas da pátria e sorte futura do paiz.

As consequencias foram as que devinhm ser. Tratou-se desde logo de examinar a origem do boato; mas em breve pareceu verificar-se, que não era simples rumor vago, que era facto verdadeiro e que existiam provas incontestáveis; mencionaram-se cartas, indicando-se os nomes de quem as escrevera; citavam-se frases inteiras, e pareceu fôr de dúvida o que se tinha até ali como incerto. Passou-se então a ulteriores averiguações, e eis ahí o resultado d'estas:

«Que do Quartel-general se escrevia a altos personagens, e a alguns individuos particulares, exagerando as forças e recursos dos rebeldes, as fortificações do Porto, os recursos dos miguelistas nas províncias, etc., e que ao mesmo passo se attenuavam em demasia os nossos recursos militares, pecuniários, etc., etc.;

Que se tirava por inferencia rigorosa a necessidade da intervenção directa estrangeira, e quando absolutamente não pudesse ser a directa, pelo menos, e em todo o caso, a indirecta, conseguindo-se o licenciamento de 4 ou 5 mil soldados estrangeiros, que viessem servir sob as nossas bandeiras ou encorporar-se aos nossos regimentos; a necessidade de armas, de equipamentos, de disheiros;

Que o coronel Wilde, um dos a quem se escrevera, se tinha recusado a solicitar a intervenção directa, com o fundamento de que o miguelismo não se tinha pronunciado ainda bem definitivamente, e que só depois d'esta recusa se tinha vido à idéa da intervenção indirecta;

Que isto, contudo, era um manejo combinado, porque o pensamento da intervenção, inglez na origem, estava sendo posto em jogo muito arditamente pelo coronel Barreiros, que se mostrava instumento dos planos ingleses, e que por sua dextridade, influia directa e indirectamente no marechal, e o movia a vir, por ventura sem elle proprio a pensar, ás opiniões que queria impôr-lhe.»

Ao ouvir tales observações, e ao saber que eram uniformes nos diferentes círculos, ardi, e até onde pessoalmente tenho podido alcançar, combati contra as asserções feitas em desabono, e com grande desaire, do meu amigo. Todavia, devo confessar-o, é lidar em vão: insiste-se no que levo indicado, e tem-se formado uma opinião terrível e quasi incontrastável. Tenho repetido as expressões do meu amigo lançadas em cartas, que ahí estão escriptas de Cartaxo, e com as quaes se stigmatizava tão energicamente toda a idéa de convenção com os rebeldes, ou da interferência estrangeira.

Porém, respondem-nos, que porventura V. Ex.<sup>o</sup> então era sincero, mas que de presente se declara fatigado da guerra, com saudades da esposa e do filhinho, e desejo da paz a todo o custo. Dizem mais, que todos sabem a influencia seria que V. Ex.<sup>o</sup> exerce no animo do Marechal, e que também não se ignora que V. Ex.<sup>o</sup> é forte em pôr os outros (até contra vontade) em acção, e que tem feito servir aos seus designios os proprios Cabreira e Ximenes. Em uma palavra, não se admite nenhuma defesa, e procura-se fazer cair sobre V. Ex.<sup>o</sup> o odioso do pensamento geralmente reprovado (se acaso é só pensamento) de qualquer convenção com os inimigos, ou de qualquer interferência com os estrangeiros.

Passa-se em seguida a examinar os fundamentos que se allegam

para prescindir da interferência e mostra-se: que as forças dos rebeldes do Porto, segundo informações e documentos irrecusaveis, não chegam a *oito mil homens*, a maior parte sem disciplina nem exercicio, e em grande numero mal armados e peor equipados; que do Porto não sobejam os recursos pecuniários; reina a desinteligencia entre os chefes, domina o receio e a desconfiança; e que nas massas existe o propósito, em grande numero de paisanos e de soldados, de retirar-se da cidade, e unir-se ao Marechal logo que elle se approxime das linhas. Observa-se que a emigração, maior ou menor mas continua do Porto, traz em desconfiança e susto os cabeças da revolta. Nota-se que os miguelistas em algumas partes não se tem querido unir aos setembristas, nem em outras os setembristas aos miguelistas; e que geralmente o entusiasmo miguelino não é em parte nenhuma o que se presumia e recava.

E reflecte-se finalmente, que os recursos mendigados em Inglaterra por A. C. de Sá Nogueira terão graves dificuldades em realizar-se,



General Joaquim Antonio Vellez Barreiros

*Viseconde da Luz, por do reino, e pae do sr. conselheiro Eduardo Barreiros, por do reino e director geral do Ministerio das Negocios Estrangeiros (Cópia de um cliché da época).*

como o facto confirma já pelo embargo que ali acaba de fazer-se-lhe em um navio de armas, e outros artigos de guerra, que caregava para o Porto.

De outra parte pondera-se, que o marechal tem debixo de seu comando, incluindo as forças do Casal, dez mil homens seguros de tropas aguerridas; que os batalhões 6 de caçadores e provisório de infantaria podem estar ahí em breve na força de mil baionetas; que ainda aqui ficam para cima de 800 recrutas já com algum tempo de exercicio, e ainda alguns soldados prisioneiros ou apresentados; que os dous batalhões de atiradores nacionais, um do commando de seu mano, e outro do Falcão, cada um em força de 400 baionetas, tambem podem marchar para ahí, como em 34 o 1º e o 2º provisórios marcharam contra Santarem e fizeram o resto da campanha até Evora Monte; que é muito possivel recrutar quasi de repente de 4 a 5 mil homens na peninsula de entre Sado e Tejo, e na Extremadura, e mais ainda se o recrutamento se estender ao campo de Coimbra e Beira Baixa; que em Traz-os-Montes o que pedem é armas e equipamentos para mobilizar dois ou tres mil homens, como atestam cartas de maior excepção; que se pode operar uma importantissima diversão no Algarve, mandando para ali o batalhão algarvio (que conta já muito mais de 200 praças, e é gente de toda a prova) com 200 homens da G. M., o que produziria uma sublevação geral no Algarve, e nos entregaria livre aquella província com as suas alfandegas e recursos, e proporcionaria meios sobejos de libertar o Alentejo; que o de que na verdade se carece, é de mais abundantes meios pecuniários, mas que são estes muito possiveis, e de prompto, chamando ao Ministerio da Fazenda o Tojal, e fazendo se os sacrificios que podem e devem fazer-se, e já por vezes se fizeram; que talvez se precise, por ventura, de mais actividade em alguns membros do governo, porém, que *está na mão do marechal* os fazel os substituir por quem lhe agradar, e que sejam homens capazes de o coa ijuvar efficacemente, ou então de os excitar, esses mesmos que ahí estão, a haver-se com a decisão e energia que as circunstâncias reclamam; em uma palavra, que em presença de tudo isto os nossos meios são sobejos, e a *convenção* com os do Porto, ou a *intervenção* estrangeira não pode ter senão motivos ocullos e sinistros, etc., etc.

Meu amigo, acabo de expor-lhe o que tenho ouvido e presenciado, e o que me consta de certeza. Não sei se V. Ex.<sup>o</sup> forma idéa cabal de quanto isto me tem angustiado, momente vendo o nome de V. Ex.<sup>o</sup> tão

envolvido n'estes debates, e em acusações tão desagradáveis e tão graves. Julguei do meu rigoroso dever comunicar-lhe tudo, até porque achando-me obrigado muitas vezes a tomar parte n'estas discussões, eu não queria que chegassem elas transtornadas ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> a quem tanto do coração preso e respeito. Fago e farei sempre as vezes de bom amigo, porém saiba V. Ex.<sup>a</sup> o que se passa para seu governo, e para ainda a tempo afastar de sobre si tão melindrosas e arriscadas arguições.

Pelo que a mim respeita, eu não cessei, nem cessarei por um só instante de formar de V. Ex.<sup>a</sup> o elevado conceito que tenho formado sempre; ali tenho nas cartas de V. Ex.<sup>a</sup> consignadas as suas opiniões, e não é de hoje, de ha muito costumei amaldiçoar o espírito do mal, que interpreta sinistramente qualquer expressão inocente das effusões da amizade ou do amor.

Comtudo, meu amigo, devo a mim proprio reiterar a V. Ex.<sup>a</sup> o que lhe tenho dito e escrito, a convenção com os do Porto ou a interferência estrangeira seria o complemento da ruina não só do partido cartista, mas do proprio Throno. O exemplo da França é muito recente, e muito claro para que ninguém possa equivocar-se a este respeito. Eu proprio, que lido a tanto lidar na arena politica ha 13 annos, e que nunca tive senão uma opinião unica, se visse realizada a convenção, trataria desde logo de desertar não só de toda a politica, mas tambem de Portugal; e se visse verificada a interferência, e um governo sustentado por baionetas estrangeiras, passaria logo para o lado dos que regeitassem e combatesssem esse jugo estrangeiro sempre desastroso e sempre abominável, e até lhe faria guerra tão encarniçada como a peor das que tenuo feito constantemente aos revolucionarios. Como eu penso, pensam muitos e muitos individuos, que valem mais do que eu.

Meu amigo, o Marechal merece toda, sem nenhuma reserva, a confiança dos amigos da Carta e da Rainha, dos defensores da Monarchia Constitucional segundo a Carta; e o Marechal pôde dispor de todos os meios de que precisar; exija os, e lhe serão promulgados: o paiz ainda os possue bastantes, e não ha quem se atreva a recusá-los. Se o Ministério ou algum dos ministros não satisfaz ao que é preciso, em o Marechal falando, a sua vontade pôde ser feita; e de roda d'ele está V. Ex.<sup>a</sup> e estão outros homens da sua confiança, que elle Marechal pôde nomear para a administração. Se é preciso mais dinheiro, e o actual ministro da fazenda o não subministra, procure-se outro homem e elle apparecerá que o apropria, custe o que custar. Em uma palavra, o Marechal que fale, e todos sabem que será desde logo obedecido. Para quê, pois, a convenção? Para quê a interferência, que, até talvez depois de passarmos pela vergonha de a pedir, não nos seria concedida? Confesse o meu amigo, que não ha nenhuma boa razão que sustente ou justifique quer uma quer outra.

Meu amigo, tem corrido larga a pena, mas o assunto o exigia. Leia V. Ex.<sup>a</sup> esta carta com a atenção que ella pede, e a receba com

**Carta de Joaquim Antonio Vellez Barreiros  
a D. José de Lacerda**

Agueda, 9 de fevereiro de 1847.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. e presadissimo amigo:

Por via de seus irmãos recebi hontem a sua presada carta de 4, e com ella mais uma prova nata equívoca da sua amizade, e da sympathia que lhe mereço; sou grato a tais sentimentos, e por isso procurarei retribuir-lhos.

O objecto da sua carta é transcendente por sua natureza, e mais o



Dr. Alfredo da Cunha

Actual director do « Diário de Notícias »

seria para outro que não tivesse a sua consciência pura, e não se achasse forte na sua convicção.

Para responder seguidamente a cada um dos pontos da sua carta, teria talvez de reprimir o impulso dos meus sentimentos, os quais, sem rebuço, nem receio de ser caluniado, e desprezando inculpações, os exporei a V. Ex.<sup>a</sup>, taes quais elles são.

Não tenho interesses ligados ás minhas convicções políticas, nunca tive vistos ou ambições particulares no caminho político que tenho seguido, e só pensei no bem estar do meu paiz, pois que d'ele devia necessariamente resultar o meu, qualquer que fosse o emprego publico que exercesse; é n'este sentido que sempre tenho marchado, e não me accusa a consciencia de me ter d'ele desviado um só passo; nunca servi, voluntariamente, de instrumento para satisfazer ambições de outros, porque, felizmente, para chegar aquillo que sou, ainda me não servi de ninguém; não tenho ligações pessoais, a não ser as de amor á minha família, amizade aos meus amigos e gratidão aos meus benfeiteiros; finalmente, torno a repetir, o único objecto que tenho tido sempre em vista na minha vida publica e particular, é a conservação da Rainha no throno, com dignidade e independencia, o goso de uma liberdade bem entendida, e ver o meu paiz em prosperidade.

Não tenho essa influencia que V. Ex.<sup>a</sup> supõe sobre o Marechal, nem me parece ser elle homem que se submette facilmente á influencia de outros, abandonando as suas idéas; tampouco sou eu homem que queira obrigar os outros a seguir á força o meu modo de pensar; respeito as opiniões de todos para que respeitem as minhas.

Não me lembro ter até hoje falado com o Marechal em convenção ou intervenção, quer directa, quer indirecta; as nossas conversas, além das do serviço, são lamentar a sorte do nosso malfadado paiz, vítima da rapina e das ambições, olhar ao futuro que nos espera e pensar no modo de o melhorar; mas asseguro ao meu amigo, que, para conseguirmos este fim, nunca até hoje considerámos que o modo fosse o de protrair a conclusão da guerra civil que nos devora.

Tenho uma opinião, e essa não a receio comunicar aos meus amigos, embora ella não lhes mereça approvação, e parece-me que estou em melhor posição do que muitos outros, para a poder emitir sem receio de ser suspeito, por quanto, quer como soldado, quer como empregado publico, tenho sempre cumprido com os meus deveres, e arriscado a minha vida, sem ser nem declamador nem valentão de praças públicas de Lisboa. Sempre que me têm chamado, tenho aparecido com lealdade e franqueza.

Entrego ao desrezo essas banaes expressões de eu estar sujeito á influencia inglesa; não conheço influencias para o modo de pensar, que



Inauguração do monumento a Eduardo Coelho

Cliché A. Lima. O pavilhão da comissão

a pura intenção com que eu a escrevo. Espero o favor da resposta de V. Ex.<sup>a</sup>, e tenha por certo, que, com a intima convicção em que estou de não ser senão justo para com V. Ex.<sup>a</sup>, V. Ex.<sup>a</sup> sempre em mim encontrará o

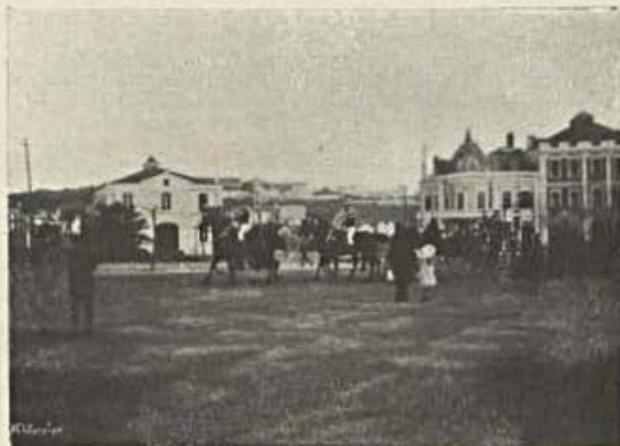
De V. Ex.<sup>a</sup>  
Amigo certo e obrigado  
D. José de Lacerda

P. S. — Se V. Ex.<sup>a</sup> julgar necessário fazer algum uso d'esta carta, para isso o autorizo, porque só me moveu a escrevê-la a amizade que a V. Ex.<sup>a</sup> dedico, e o desejo do bem do meu paiz.

não seja a das minhas convicções; e para obrar, a da honra e a do dever de homem de bem.

O possuir e comunicar uma opinião minha, nunca em mim foi motivo para eu deixar de servir com a mesma lealdade, e ainda mais esta vez o farei se atacarmos o Porto: coisa julgada necessária e de fácil execução, mas para aqueles que, quando isso tiver lugar, hão de estar a coberto em Lisboa, importando-lhes pouco as victimas, e apenas pensando na vingança das suas paixões e no caminho aplanado para saciar as suas ambições.

Não ha dúvida que eu escrevi a alguém, eu mesmo e por meu próprio punho, sem lhe pedir segredo, comunicando-lhe o juízo que en-



*Duques de Connaught — No alto da Azenha  
El-rei D. Carlos e as princesas Victoria e Margarida*

formava do país, do estado da guerra, e dos meios que tínhamos a nosso dispôr, assim como o inimigo ao seu, e lhe dizia, o que hoje aqui lhe repito, que sem algumas concessões feitas aos rebeldes, ou sem uma intervenção directa, não acabaríamos a guerra civil promptamente, e que a sua prolongação, posto que o resultado fosse a nosso favor — do que não duvidava — produziria numero de victimas e arruinaria completamente o país.

Esta minha opinião era baseada em factos e em dados positivos, e não em teorias estabelecidas nas sociedades e reuniões de Lisboa, onde cada um fala e discorre segundo aquillo que lhe mandam dizer das províncias.

Tudo quanto V. Ex.<sup>a</sup> diz na sua a respeito de recursos, posto que haja possibilidade de se alcançarem, são hoje passados quatro meses e



*Duques de Connaught — Em Cintra — A caminho do paço*

durante as quais julgo superfluo repetir o que então me diziam n'aquele sentido.

Ainda ha pouco que se nos affiançava, que os regimentos de infantaria n.<sup>o</sup> 2 e 6 se passariam para nós logo que nos avistassem, e que se não bateriam; chegou o momento, e bateram-se e muito bem; a prova a tem V. Ex.<sup>a</sup> em 400 mortos e feridos que tivemos, e em que, a não ser a falta do Antas, a ação ou nos teria sido adversa, ou nos teria custado ainda mais caro. Com a mesma canticiga nos querem hoje adormecer aquelles individuos, aos quais pouco importa o derramamento de sangue português, o seu não correndo o risco de ser derramado, como a ruina do paiz, na qual poderão ainda lucrar alguma cousa. E por isto nos querem inicitar que no Porto ha sete a oito mil homens, apenas!!! e que não tem armas; que as fortificações não valem cousa alguma; que se não batem; e até talvez haja quem se persuada de que nos alcatifam o caminho!!!

Deixemo-nos de ilusões; é necessário que nas operações que empreendemos, contémos com os meios de que podemos dispôr, porque os que podem vir depois estão sempre incertos.

No Porto ha 7 a 8 mil homens, nisto não ha questão, parece-me; mas, d'esses, 3:500 são de linha. Estão todos armados, e com armas iguais ás dos nossos soldados; o equipamento nada influí para quem faz fogo atrás de um parapeito, e as fortificações são as mesmas que existiam no anno de 1832, melhoradas; e pôde V. Ex.<sup>a</sup> ter a certeza, que, à exceção dos cobardes, todos os demais se hão de bater. Se o querem experimentar, sirva-se V. Ex.<sup>a</sup> dizer aos anáguas que supõem as causas tão faccias, que venham para cá, pois se lhes dará na occasião de ataque um lugar mui distinto.

Em 1832 havia dentro do Porto 7 mil homens de linha e 3 de voluntários, estes com 2 mezes de instrução (até 29 de setembro), e d'aqueles, mais de 2 mil eram recrutas das ilhas. O exército de D. Miguel contava no dia 19 de setembro, à vista do Porto, 30 mil homens, bons soldados, e um material immenso de artilharia. E qual foi o resultado dos dias 8 e 19 de setembro, 14 de outubro, 4 e 24 de março e 5 e 25 de julho? Quebraram os narizes contra aquellas insignificantes fortificações.

Hoje, diz o meu amigo que o Marechal tem dez mil homens de tropa aguerrida!!! Concedendo por um momento o numero, nego o aguerrismo, pois são recrutas de dous e de tres annos; mas, quando assim seja, que relação tem dez mil homens para oito mil fortinheiros, com trinta mil para dez mil? Isto não tem resposta.

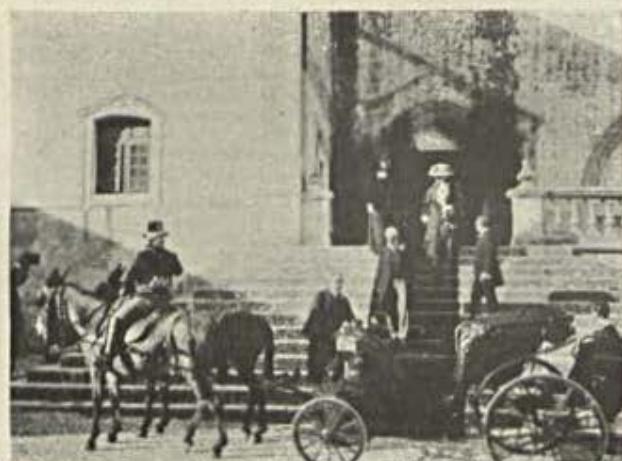
Se no Porto ha desejos de desertarem, entre os nossos não os ha



*Duques de Connaught — Passeio a Cintra — Partida do Estoril  
em automóvel. O duque e a princesa Margarida, Chauffeur Beaucalet*

eu e todos só os vemos negativos. O paiz não se presta tal a dal-os como V. Ex.<sup>a</sup> diz; V. Ex.<sup>a</sup> está enganando, e o estão todos que ahi se acham. Venham para as províncias, e então verão, e ficarão em circunstâncias de entrarem em discussão.

Deixemo-nos de teorias e passemos aos factos. Desde a primeira das guerras civis em que me tenho encontrado, me embalaram que o inimigo está em estado de desorganização; que lhe faltam meios; que não se bate, que se passa, etc., etc., mas, meu amigo, se recorrer à história, verá que o resultado tem provado o contrario. Estas cousas são boas para se contarem ás crianças e aos tolos; mas não a quem tem a experiência das campanhas de 1823, 26 e 27, 28, 32 e 33 e 37, etc., etc.,



*Duques de Connaught — Em Cintra — Partida para a Pena  
Clichés de A. Lima. A rainha e o duque*

menos; e para o Porto temos dado, depois que aqui estamos, o nosso contingente.

Tres meses ha que sahimos de Lisboa, e nem um só recruta tem sido mandado para o exercito. Os soldados que dão baixa ao hospital, não reunem mais aos corpos, porque todas as autoridades querem forças para se guardarem. Não ha duvida que com os prisioneiros de Torres Vedras reforçam os corpos com 800 homens, mas que força não temos deixado à retaguarda? Na acção perdemos 400; ficaram doentes em Obidos, Caldas, Leiria e Coimbra, mais de 300; os regimentos de infantaria n.º 4 e de cavallaria n.º 3 e 5 ficaram em Coimbra, Santarem, etc.; tudo isto sobe a 1:400 homens. Por consequencia o saldo é contra: isto é, temos hoje 600 homens menos dos que tinhamos quando estávamos á vista de Santarem — contando já com o 6.º de caçadores.

Não posso deixar de me rir com a offerta que V. Ex.º faz do batalhão provisório de infantaria, dos recrutas, e de 2 batalhões de voluntários, quando o mesmo 6.º de caçadores só veio a muitas instauções do Marechal, por não julgarem Lisboa a coberto de um vôo que o Autas projectasse dar do Porto a Lisboa.

Em quanto á força de dez mil homens que dá ao exercito do comando do duque, fóra caçadores 6 e provisório de infantaria, permitta-me que lhe diga, que não é exacta. A infantaria toda que ha em Coimbra — a qual já provavelmente d'ali não sahirá — é de 5921 baionetas, o que nos deixa promptos para combater só 5000. Os corpos de cavallaria 1, 2, 4, 6, 7 e 8 tem 600 cavallos.

Eis pois, meu amigo, os dez mil homens de Xerxes — advertindo que se acha compreendida a divisão do Casal — com que se tem de fazer um cerco ao Porto pelo norte e pelo sul, conservar em sozinho as províncias, e assegurar as communicações com o exercito para não faltarem os recursos.

Passemos a meios pecuniários.

A grande pagadoria do exercito de operações, saiu de Lisboa com 6 contos em cofre!!! E verdade que tem sido remetidas por diferentes vezes diversas quantias para o exercito: a maior foi de 20 contos. Mas se é tanta a abundância, como V. Ex.º diz, ou ha tanta facilidade em obter dinheiro, como é que não tratam de minorar a sorte de tantos infelizes que já hoje mendigam em Lisboa? Porque não pagam ao exercito com mais pontualidade? Porque não pagam regularmente os fornecimentos?

Armamentos não os ha, e tanto assim é, que tenho aqui praças, nos corpos, desarmadas, e tenho sido obrigado a aproveitar-me de algumas das armas sacadas aos guerrilhas para trocar algumas incapazes que havia nos corpos.

Não vejo a facilidade que o meu amigo vê no recrutamento de 4 a 5 mil homens, e particularmente entre o Tejo e Sado; e muito menos com os meios ordinarios. E com que armá-los e vesti-los, quando caçadores 6 esteve um mez em Lisboa á espera de trinta jaquetas e bonés?

Que bom é dizer-se, que ha facilidade em mobilizar nas províncias 3 a 4 mil homens! O que me admira, é que haja quem o acredite. Desde Lisboa até aqui, não vejo que andem atras dos guerrilhas, senão as forças compostas d'aqueles mesmos soldados que sahiram de Lisboa em novembro; e para que V. Ex.º faça uma idéa da facilidade de armamento dos povos, sempre lhe transcrevo um bocado da carta que o Lapi me escreveu de Lamego no dia 3.

«Relativamente á organização de guerrilhas ou batalhões cartistas, e da grande força de voluntários, será tudo possível, porém eu não vi cousa alguma. Para organizar, aqui em Lamego, uma companhia de voluntários de 60 homens, mal sabe o meu amigo as penas e trabalhos a que me dei, e as exigências a que tive de satisfazer; entenda que, quanto a mim, os alistados não se reunirão por amor á Carta, e para sustentarem o governo legal, mas para se vingarem, armados, dos seus inimigos pessoais, que para o mesmo fim arvorarão diversa bandeira.»

Agrada-lhe a linguagem?

Há mais de mez e meio que teve lugar a acção de Torres Vedras, e não me consta que á nossa rectaguarda se tenha organizado batalhão algum, a não ser no papel. Em Aveiro, apesar da grande influencia do Barreto Ferraz e de seu filho, apenas se pôde arranjar ali um batalhão de 20 homens, dos quais 50 eram soldados veteranos, 25 empregados publicos, e o resto paisanos, muitos d'elles soldados que, devendo-se apresentar aos corpos 8 e 10 de linha, para se subtrahirem a este serviço, foram para ali!

Que ha em Coimbra, Leiria, Santarem, Thomar, Vizeu? Nada, absolutamente nada. Em papel não ha dúvida existirem 20 batalhões; pelo menos o Cabreira, secretario do Lugar-tenente, tem lavrado 20 portarias para este fim, mas eu não vejo os taes batalhões, por mais que abra os olhos. O objecto são empregos e nada mais. Apresentam-se, dizem que vão formar um batalhão; dão-se-lhes as competentes nomeações, mas depois pedem uma administração do concelho, um julgado, uma escravasinha, etc., etc. O que asseguro a V. Ex.º, é que se dos pretendentes a empregos se formasse um corpo, de certo que já o teríamos da força de mais de mil homens.

Não tenho conhecimento algum de que se pedisse intervenção ao Wilde, e parece-me que não era por elle que se deveria pedir, mas sim por via do nosso ministro em Londres. Tão pouco tenho ouvido falar na intervenção indirecta; mas certifíco-lhe, debaixo de palavra de honra, que, a haver intervenção, a preferiria hespanhola á inglesa, apesar de que alguém dirá, que eu a desejaria d'esta ultima nação, para ir outra vez liquidar as reclamações a Londres. O que sim prevejo, e a experiência o mostrará, é que se não fizermos algumas concessões aos rebeldes, teremos guerra para muito tempo, salvo algum bambarrio, os quais nunca customo meter nos meus cálculos; e, no fim, quando venhamos, como espero, fearemos reduzidos á miseria; e ainda á maior infelicidade das viúvas e dos orphelos d'aqueles que tiverem sido victimas, e cuja sorte tão abandonada tem sido no paiz.

Que necessidade ha de sacrificar o paiz ao capricho e ambição de

uma duzia de homens? Acaso o bem do paiz só se consegue com a morte e extermínio de todos os rebeldes do Porto? Não sou d'este parecer.

A guerra só servirá para sacrificar gente, saciar vinganças e aplinar obstáculos á ambição de alguns, mas o paiz nada utilisa com ella e fica perdido.

Não nos façamos illusões, a guarnição do Porto resiste; não podemos contar com reacção, porque assim o dizem todos que de lá vêm; portanto dois são os modos de ali entrar, ou por um assalto, ou por um cerco.

O meu voto é pelo primeiro modo, visto que não é com a força que temos, que é possível estabelecer um cerco, cobrindo uma extensão de mais de quatro leguas; e quando o pudessemos fazer, com os depositos que tecem feito no Porto, a guerra podia durar um anno e mais.

E diga-me o meu amigo, com franqueza, acha os nossos soldados com a disciplina necessaria para o assalto?

Concluo, porque assim julgo necessário. Tenho uma opinião, e julgo podê-la livremente emitir mórteme quando eu a sacrifico aos deveres de soldado e de homem publico. Não tenho ambições mais do que aquellas que entram na ordem natural das cousas. Ainda ha pouco, d'issó dei uma prova, recusando ser brigadeiro efectivo, para o que o duque me tinha proposto e a outros.

Trabalho de boa fé e por convicção, e não com fins sinistros ou ambiciosos.

Não sou indiferente a qualquer derramamento de sangue portuguez, como bom portuguez que sou, mas, apesar d'esta minha opinião, desafio aqueles que m'a criticam a que ocupem melhor o seu lugar na occasião do perigo.

Em quanto á esposa e filhinho, não nego que os tenho em toda a consideração; e trago sempre presente que se fôr vítima, fiearão a morrer de fome, e que ella só achará bemfeiteiros que tratarão de a prostituir.

A sorte da infeliz familia do capitão Gabriel de caçadores n.º 1, ainda está duvidosa, e não me consta que ainda ate hoje ningum tenha procurado mineral-a, assegurando-lhe a sua subsistencia.

Tenho horror hoje á sociedade portuguez, onde a immoralidade está levada ao seu auge; e por isso tenho momentos de renegar até de portuguez.

Tenho ido muito além do que desejava. Peço-lhe desculpa, e rogo-lhe, como amigo, que nunca trate de me defender para com pessoas que me fazem a injustiça de ajuizar mal da minha probidade pela simples emissão de uma opinião, pois que a tal gente não dou, nem pretendo dar satisfações.

V. Ex.º tem demasiada boa fé; acredita facilmente o que deseja, mas creia que, se em quatro meses nada se tem feito, e nada se fez até á derrota de Torres Vedras, muito menos se fará hoje, que já dão isto como acabado, e já tratam de dividir a preza, e de se disputarem empregos e postos.

Peço nova desculpa. Conheço que me tenho excedido, mas o objecto era serio, para que eu deixasse de dar estas explicações a si, mas não, repito, satisfações a alguns.

Se me julgam perigoso aqui, eu felicitar-me-hei no momento em que me mandem retirar. Cedo toda a gloria que me poderia d'aquele resultar, nem a quero ganhar á custa de tanto sacrificio para o meu paiz, e de tanta vítima; tanto mais, que não vejo em todos bon fô igual á minha, e sim ambições desmedidas e sede de dinheiro.

Esta carta estou certo não agradará a alguns individuos, mas estou convencido que acharei centenas de portuguezes conformes ao meu modo de pensar, e que me hão de fazer mais justiça do que aqueles.

Eu tenho estado incomodado, e ainda hoje não posso sahir, devido a ter cabido o cavallo commigo. Peço o não divulgue.

Disponha pois do meu prestimo; dé-me os seus conselhos, pois os tenho em todo o apreço. Creia que sou fiel, e que cumpro os meus deveres, até onde chegam as minhas forças, e que sei ser grato a quem fielmente é meu amigo: por isso continuarei a assignar-mu-

De V. Ex.  
Amigo sincero e altamente venerável  
Barreiros

Em additamento, permitta o meu amigo, que eu diga mais alguma cousa.

Se a intervenção miguelista, que estava imminente quando eu escrevi para Lisboa, se tivesse propagado a um tempo em Trás-os-Montes, Minho e Beira, como poderíamos fazer face a tal tormenta sem a intervenção? Como tirar recursos do paiz em estado de sublevação? Felizmente o miguelismo está a expirar, mas não se persuadá que só devido á força d'armas, mas também devido a manejos deste grande homem, o duque de Saldanha, que, com as suas maneiros e etc., tem conseguido obstar a uma explosão que se tinha preparado nos campos do Mondego e na Beira.

Não suponho que V. Ex.º seja capaz de oferecer aquillo que não possa levar a effeito. Não só aceitamos o reforço do batalhão provisório de infantaria, do de recrutas, e dos dous de voluntários (os dous de atiradores), mas exigimos que V. Ex.º cumpra a offerta.

Fallando em recrutamento, será sempre bom saber, quando é que conta poder ter os 5 mil recrutas promptos para entrarem em campanha? Supponho que nunca antes de 4 meses.

E que fazer até então? Que comer? E como entreter o moral do exercito e dos povos, vendo que o Governo se vê obrigado a lançar mão de meios violentos? Pense bem em tudo.

A gloria, á hora, á independencia, e ao brio — que eu tenho sempre em primeira linha e conta — não se deve só attender com palavras, é preciso que acompanhem estas, obras. Basta.

# O REI LEAR

Damos as ultimas scenas do segundo acto, d'esta tragedia de Shakespeare, na adaptacao em verso que d'ella fez para o theatro portuguez o notavel poeta Julio Dantas

## OS MESMOS, O DUQUE D'ALBANIA

DUQUE D'ALBANIA, entra lo, em sua vinda de cavalleiros de LEAR

Mas que é isto, senhor? Explicae-vos, por Deus!

LEAR, ao DUQUE D'ALBANIA, enlemente

N'um dia, supprimir cem cavalleiros meus!  
Nobre duque — hein? — é vossa esta ordem também?  
É vossa? Declarae!

GONERILL, avançando para LEAR, com violencia

Minha, — e de mais ninguem!

LEAR, n'uma execução, doloroso

Ó Cordelia, Cordelia! Ó meu amor proscripto!  
Como pude eu julgar tão grande o teu delicto,  
Como o pude suppôr tão monstruoso e disforme,  
Que abaiou n'um rugido esta montanha enorme,  
P'ra n'uma convulsão todo o meu ser inteiro,  
— Um delicto pueril! Um delicto ligeiro! —  
E eu não comprehendi, não ouvi, não senti...  
Beiei uma serpente, — e repudieite a ti!  
Ó allucinação, delírio momentaneo!

(batedor na fronte, com os punhos cerrados)

Ah! Lear! Lear! Lear! Fere este immundo crâneo  
Esta porta de bronze, escancarada e impura,  
D'onde a razão saiu, para entrar a loucura!

DUQUE D'ALBANIA, perplexo

Perdoe... Eu sou estranho a tudo isto, senhor.  
Nada sei...

LEAR, olhando o DUQUE com desprezo, e erguendo-se

Natureza, attende a minha dor!  
Escuta a voz d'um pae, natureza profunda!  
Se tu contas tornar esta mulher fecunda,  
Suspende o teu designio, a bem da humanidade,  
Fere-a de maldição e de esterilidade,  
Secca-lhe para sempre as humidas entranhas,—  
Ou se é força, se é força, ainda que tu venhas  
A entamecer-lhe um dia o seio vigoroso,  
Dá-lhe um filho brutal, um filho monstruoso,  
Tão perverso como ella, e que seja tambem,  
Como ella é para mim, — o supplicio da mãe!  
Que lhe pague em rancor os beijos e a meiguice,  
Cave n'aquelle face as rugas da velhice,  
Que a insulte, aos pontapés, como se insulta um cão,  
Que a ensanguente, e a despreze, e a cubra d'abjecção,  
P'ra que ella saiba um dia, — o destino insensato! —  
Que prodigioso horror é ter um filho ingrato!

(para o fundo, aos cavalleiros)

Já! Já! Partamos já!

DUQUE D'ALBANIA, impedindo, amigavelmente, a saída de LEAR

Mas, senhor, moderae  
As vossas expressões. Sois monarca, sois pae...  
Aguardae um momento, illustre Lear. Nada  
Sei do que se passou. Juro, p'la minha espada!

GONERILL, ao DUQUE D'ALBANIA

Deixaes-o! Não sabeis de que Lear é capaz?  
Que siga o seu destino e que nos deixe em paz!  
E' um velho perigoso, é um velho demente!

OSWALDO, baixo, a GONERILL, apontando o pergaminho

A carta a vossa irmã?

GONERILL, baixo, a OSWALDO, dando-lhe a carta

Immediatamente.

KENT, seguido os movimentos de OSWALDO

A carta... ?

LEAR, a GONERILL

Julgas tu que o desprezo me humilha?  
Eu não morro de fome. Inda tenho outra filha!  
E quando ella souber o que tu me fizeste,  
Cahirá sobre ti, ó fera bruta e agreste,  
E mudará de prompto, irada e justiciera,  
N'uma posta de sangue a tua face inteira!  
Adeus, monstro peor que os monstros do Oceano!  
Que a peste, a guerra, a dôr, todo o flagello humano,  
Abata sobre ti como uma eterna praga!  
Que a lepra te transmude a face n'uma chaga,  
E a maldição d'um pae, como um ferro candente,  
Metalte a tua carne, inexoravelmente!

(chorando)

Ó meus olhos mortaes, meus olhos, não choreis.  
A lagrima não foi creada para os reis,  
E é vergonha, ámanhã, que alguem repita ao vê-lo,  
Que o coração d'um pae se commoveu por ella!

(gritando para o fundo, entre lagrimas)

Os cavallos! Depressa! — O' ingratidão sem par! —

(saindo a chorar, as mãos sobre os olhos)

Eu não quero chorar! Eu não quero chorar!  
Eu não quero chorar!

BOBO, arrastando-se a'ras de LEAR, dolorosamente

Lear, eu vou contigo?  
É o teu philosopho! É o teu bobo! É o teu amigo!

(LEAR vai com o BOBO e os cavalleiros)

## SCENA X

### OS MESMOS, MENOS LEAR E O BOBO

DUQUE D'ALBANIA, a GONERILL

Foste cruel. — Que Deus nos dê dias melhores.

GONERILL

Este é um dia de festa!

DUQUE D'ALBANIA, dirigindo-se aos escudeiros, que o seguem,  
e saindo com GONERILL

E vós, vindos, senhores.

KENT, travando o braço de CURAN

A tua espada!

CURAN, com estranhessa

P'ra quê?

KENT

Dá-m'a!

CURAN, dando-lhe a espada

Armado e sózinho,

Onde vaes?

KENT, batendo na cruz da espada e saindo pelo fundo

Esperar uma fera ao caminho!

# Personagens do Rei Lear



Duqueza de Albania  
(actriz Augusto Cordeiro)



Rei de França (actor Pinto Costa)  
e o Conde de Kent (actor Fernando Maia)



Rei Lear (actor Ferreira da Silva)  
e a Rainha de França (actriz Luz Velloso)



Glocester (actor Augusto de Mello)  
encostado a um dos filhos (actor Carlos Santos)